

LEÃO, Ângela Vaz. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários.* Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007. (Col. Obras em Dobras).

Por Paulo Roberto Sodré*

Nove capítulos, sendo o primeiro uma introdução, organizam as leituras de Ângela Vaz Leão a respeito do cancionero mariano afonsino, seu objeto de estudo há muito tempo. Em cada um deles, um aspecto é destacado, de maneira a conferir aos detalhes a luz que, em conjunto, ilumine melhor o monumento de 427 cantigas trovadorescas dedicadas a Santa Maria. Com projeto gráfico-editorial bem resolvido, cada capítulo é seguido de boas reproduções de miniaturas do fac-símile do “códice rico” (um dos manuscritos do séc. XIII, constante no acervo da Real Biblioteca de San Lorenzo de El Escorial [T,I,1]).

O Capítulo I, “As *Cantigas de Santa Maria*: documento e monumento da cultura medieval ibérica”, procura conduzir o leitor no rastreamento de informações preliminares sobre a produção literária de Afonso X, sobretudo as cantigas marianas. Após o comentário do “Prólogo A”, que inicia o cancionero como um todo, a autora esclarece os dois gêneros que compõem o livro, cantigas de *loor* e *miragres*, assim como apresenta os quatro manuscritos e suas edições (a de 1889, pelo Marquês de Valmar; a de 1959/1972 [coimbrã], a de 1981 [galega] e a de 1986/1989 [madrilena], por Walter Mettmann). Nesse Capítulo, a perspectiva e a proposta de Ângela Vaz Leão para o livro são declaradas: introduzir o leitor brasileiro ao universo complexo e sedutor da produção das *Cantigas de Santa Maria*. Assim sendo, predominam os parágrafos sucintos, as informações breves, o recorte modesto de exposição.

* Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Espírito Santo.

O “Prefácio” do Prof. Pe. Geraldo Magela Teixeira e a “Apresentação” da Prof^a Vanda de Oliveira Bittencourt destacam já duas qualidades do livro: a dedicação da autora ao estudo do cancionário mariano e o empenhimento na divulgação de um dos tesouros da literatura trovadoresca europeia, por meio de pesquisas e orientações acadêmicas desenvolvidas ao longo de sua carreira como professora titular na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PUC-Minas. Não é difícil perceber isso nas 176 páginas publicadas como súpula de seu pensamento e de suas reflexões acerca das *Cantigas de Santa Maria*. Em várias passagens, o propósito de divulgação do legado marianista afonsino se evidencia: “Nada mais desejamos do que despertar o interesse por essa obra tão importante, que goza do reconhecimento de grandes medievalistas estrangeiros, mas que, não obstante, é injustamente quase relegada ao silêncio, em muitos dos nossos manuais de história da literatura portuguesa” (p. 32).

O empenho em descortinar um objeto de estudo e limpá-lo, segundo a autora, do silêncio que, de alguma maneira, estudiosos do Trovadorismo europeu lhe impigem é uma tarefa que por si só já valeria sua publicação no Brasil. Respeitando esse objetivo, cada capítulo, cada parágrafo, cada frase pretende a clareza de exposição, por meio de comentários e análises, desenvolvidos em diferentes campos do conhecimento – como a Teoria Literária, a História Cultural, a Filologia, a Lingüística – e de uma preocupação didática que confirma a trajetória da “mestre-autora”, segundo Vanda Bittencourt.

Talvez por ter pretendido um texto despojado, livre das marcas acadêmicas que – como reza a cartilha de certo leitor brasileiro – “pesam” e tornam “desagradável” a exposição dos assuntos preconceituosamente taxados de eruditos, Ângela Vaz Leão optou pela ausência de minúcias na discussão de um *corpus* de difícil investigação (pelo tempo, lugar e contexto de sua produção; pela tradição manuscrita que a registra; por sua faceta inter-semiótica de texto verbal, musical e pictórico), deixando pressuposta uma série de informações constantes na prolífica fortuna crítica acerca da obra afonsina como um todo e das cantigas marianas,

em particular. Isto esclarece a falta de notas explicativas e remissivas, por exemplo, em um tipo de trabalho a que raramente é possível escusá-la.

Inicia-se a exposição do assunto com o Capítulo II, “As *Cantigas de Santa Maria* no contexto das narrativas medievais de milagres marianos”. O propósito é o de levantar os cantores de Santa Maria – Gautier de Coincy, Gonzalo de Berceo e Afonso X – e, por meio do comentário comparatista intertextual, aproximar e diferir o estilo dos três trovadores do século XIII e o tratamento dado ao milagre do menino judeu. Não exaustivo, o estudo procura, segundo a autora, deixar “os leitores curiosos de outros pormenores” (p. 48).

A cetraria é o assunto do Capítulo III. As “cantigas de açor” ou “cantigas de caça”, como designa Ângela Vaz Leão seis cantigas que tratam especificamente da caça nos *miragres*, são analisadas em seu aspecto eminentemente cultural. O valor da caça na Idade Média, os tratados sobre essa atividade nobre e a prática do *ex voto* (o cavaleiro oferece um açor de cera a Santa Maria, para que ela o beneficie com o retorno de sua ave perdida) são pontuados nas paráfrases das cantigas. Importa à autora, nesse Capítulo, destacar a matriz documental da narrativa marianista.

Na seqüência, o Capítulo IV propõe uma dúvida: “Cantigas de animais: um bestiário nas cantigas?”. Retomando e ampliando uma afirmação do capítulo anterior (“Grande é a variedade dos animais que aí aparecem como objeto ou como instrumento dos milagres narrados: touro, vaca, cabra, ovelha, cobra, doninha, garça, falcão, açor, peixes, abelhas, aranha, bicho-da-seda...” [p. 55]), a autora analisa a função desses bichos, destacando os *babous* como mediadores de milagre e as cabras como meio de castigo; a *passarinha*, por sua vez, alegoriza, com seu canto, a passagem que eleva um monge à eternidade. A doninha entra no comentário como uma exceção: um animal sem função sagrada ou sacralizadora, mas objeto de afeição de um rei, provavelmente, Afonso X. Dependendo do sentido amplo e estrito que se dê ao termo *bestiário*, as cantigas marianas poderão ou não ilustrá-lo.

“A Virgem e o Apóstolo no caminho de Compostela” intitula o Capítulo V. Recapitulando informações anteriores, como as dos cantores da Virgem, Vaz Leão aborda questões importantes como a visão de Afonso X e de sua corte de co-autores das cantigas marianas sobre Santiago ser ou não milagreiro. Estranha a autora, entretanto, o fato de o *piadoso* Sábio “negar o poder de um santo para melhor exaltar o da excelsa Senhora” (p. 89). O terreno fértil para argumentos e deduções a respeito do *político* Sábio é evitado. Como ocorreu no Capítulo II, a autora compara, agora mais detidamente, o milagre do romeiro de Santiago, que comete luxúria na véspera de sua peregrinação, na cantiga dos três poetas: Coincy, Berceo e Afonso X.

Outro aspecto documental, voltado agora para a patologia, é levantado no Capítulo VI, “O fogo de São Marçal em terras de França”. O método de estudo mantém-se: introdução ao tema do *pemphigus foliaceus*, dermatose também conhecida como fogo selvagem; sua ocorrência nas cantigas marianas; o comentário breve e a paráfrase de alguns textos.

No Capítulo seguinte, “O leite de Santa Maria: divindade e humanidade”, o tema do aleitamento sagrado como motivo poético é observado no levantamento de várias cantigas. Depreende-se do conjunto de textos a função miraculosa.

Modificando o objeto da análise predominante até o capítulo anterior, Ângela Vaz Leão passa a discutir a cantiga de *loor* número 10, numa abordagem estilística. Para decodificar os sentidos de cada estrofe da cantiga, a autora comenta sua estrutura zejelesca, apontando o aspecto progressivo do retrato da Virgem. Ao fim do capítulo, Vaz Leão publica uma tradução própria da cantiga.

No nono e último Capítulo, “A linguagem da obra literária: algumas questões”, a autora procura expor aspectos da poética galego-portuguesa, chamando a atenção do leitor para o uso dos clíticos, anacolutos e hipérbatos que estrutura a linguagem das cantigas marianas. A sintaxe afonsina é o objeto de estudo dessa parte, e enseja a conclusão do livro como um todo. Seguindo o propósito dos capítulos anteriores,

também esse revela uma autora cujo propósito é o de provocar pesquisas, mais do que desenvolvê-las exaustivamente.

Um apêndice, “Mais um caminho de estudos na tradição e algumas outras palavras”, coroa a série de trabalhos, indicando, sobretudo, as atividades e publicações do grupo de estudos orientado por Ângela Vaz Leão, na PUC-Minas, desde o final de 1991. Com os dados expostos, percebe-se o afã acadêmico a que se dedicou a orientadora e “cantigueira” de Minas.

No livro *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*, se revela a modéstia de Ângela Vaz Leão na concepção de sua coletânea de artigos, incorre também numa abordagem que será provavelmente reclamada como excessivamente “despojada”. A timidez na análise das cantigas, o recato no uso de notas e na reflexão sobre a fortuna crítica afonsina, e a despretensão no objetivo de divulgar uma obra como a do Sábio pode redundar numa recepção desapontada.

É certo que boa parte dos leitores brasileiros desconhece obras como a escolhida por Ângela Vaz Leão. A lírica trovadoresca, leiga e religiosa, em galego-português, sabe-se, desafia os graduandos de Letras e interessados de outras áreas do conhecimento, como a História. A linguagem, os gêneros e os temas estreitamente vinculados à extensa cultura medieval requerem leituras preliminares, introduções didáticas que ajudem aqueles a compreendê-los. Neste sentido, o livro da autora mineira responde à expectativa. Entretanto, folheando-se os capítulos, percebe-se que o alvo de Vaz Leão seria mais amplo, mais variado, mais exigente. Os especialistas parecem ser também esperados para a leitura das opiniões a respeito dos aspectos literários e culturais que emergem das cantigas marianas.

Variado o espectro de leitores, seria importante a diversificação dos métodos de abordagem das cantigas. Surpreende no livro a constante ressalva de que o artigo não pretende ir além de um comentário breve sobre os temas escolhidos, ficando os leitores responsáveis, por assim dizer, por futuros desdobramentos. Não obstante saber que, por mais pormenorizada que seja uma leitura, ela nunca será definitiva, a autora

insiste em lançar anotações sem desenvolvê-las com mais vagar; sem detalhar mais as soluções poéticas afonsinas para o tratamento de temas fecundos como o do fogo selvagem, do bestiário, do aleitamento mariano ou, sobretudo, do “rebaixamento” da potência taumatúrgica de Santiago nas cantigas do Sábio. Não há dúvida de que os aspectos levantados por Ângela Vaz Leão são fundamentais, seja os de teor literário, como o intertexto que envolve a lenda do menino judeu, seja o de feição cultural, como a cetraria. Todos requereriam, no entanto, uma leitura menos generalista, marca constante nas paráfrases e comentários às cantigas, e menos pia (como parece ocorrer no trecho em que se percebe uma posição cristã: “Com efeito, em muitas cantigas de milagre, Dom Afonso X faz interagir, lado a lado, homens e bichos, *todos criaturas de Deus*” [p. 77. Itálico nosso]).

Não se deve esperar de um livro mais do que ele se propõe realizar. Contudo, realizado um livro de uma autora da competência e dedicação de Ângela Vaz Leão, parece apropriado expressar, por um lado, a compreensão e o respeito por um propósito francamente assumido e ultimado; por outro, talvez seja inevitável certa expectativa de um trabalho para além das fronteiras de uma enternecida e criteriosa divulgação das cantigas marianas de Afonso X.